

## *A biodiversidade suspensa em Guimarães Rosa: os devires do sertão*

*A revoked biodiversity in the Guimarães Rosa's work:  
the future of the sertão*

*La biodiversité en suspension dans Guimarães Rosa:  
devenirs de sertão*

Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa  
Universidade Federal de Minas Gerais  
gabriel.toliveirab@gmail.com

Bernardo Machado Gontijo  
Universidade Federal de Minas Gerais  
gontijobm@yahoo.com.br

---

### **Resumo**

O escritor João Guimarães Rosa, além de toda a elaboração estética, do significado mítico-místico e da profunda concepção psicológica de seus personagens, deixa transparecer também em sua obra uma preocupação sobre as questões socioambientais que envolvem o meio físico e social do Cerrado brasileiro. Este artigo se propõe a analisar extratos da obra roseana que expõem a rica biodiversidade deste bioma, a partir de trechos de livros, de considerações de críticos literários sobre o tema, análise das correspondências com seus tradutores e estudos sobre as cadernetas de viagem do autor. Em um segundo momento, pretende-se evidenciar alguns elementos do livro *Primeiras Estórias* que sugerem uma realidade até então nova para os leitores de Rosa: o aparecimento de uma grande cidade no meio do sertão. No contexto do conto "As margens da alegria" somos surpreendidos pela imagem da construção de uma cidade que, ao que tudo indica, representa Brasília. Assim, a biodiversidade e a vigorosa natureza do Cerrado descrita em grande parte dos livros do escritor passam a dar lugar ao traçado geométrico da futura capital federal, colocando em alerta aquele que seria dali em diante, um dos biomas mais ameaçados pelo modelo de desenvolvimento brasileiro.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa, Cerrado, Biodiversidade, Modernização.

---

### **Abstract**

The writer João Guimarães Rosa, including all the aesthetic elaboration, the mythical and mystical meanings, and the deep psychological conception of his characters, he also reveals in his work a concern on social and environmental issues involving the

physical and social environment of the Brazilian Cerrado. This article aims to analyze the extracts of Rosa work that presents the rich biodiversity of this savannah biome based on the excerpts of his books, as well as based on reviews of literature criticism on the subject, analysis of correspondences related to translations of his work, and studies of the author's comments files. As a second analytical step, it is highlighted some elements of the book, *First Stories*, which presents a new reality for Rosa's readers: the emergence of a large town in the *Sertão*, a remote hinterland. In the context of his work, "On the edges of the happiness", the image of a built city, which seems to be Brasília, catches the attention of the readers. Thus, the biodiversity and the vigorous nature of the Cerrado, described in almost all books of the writer, begin to be replaced by the description of the geometric layout and design of the Federal Capital, what would be from that moment on, one of the most threatened biomes of the world in reason of a Brazilian development model.

**Keywords:** Guimarães Rosa, Brazilian savanna, Biodiversity, Modernization.

---

### Résumé

L'écrivain João Guimarães Rosa, au-delà de toute élaboration esthétique, la signification et mythique de la profonde conception psychologique de ses personnages, révèle également une préoccupation dans son travail sur les questions environnementales touchant l'environnement physique et social du cerrado brésilien. Cet article vise à analyser des extraits de l'œuvre de Rosa qui exposent la riche biodiversité de ce biome, basé sur des extraits de livres, des considérations de critiques littéraires sur le thème, l'analyse des lettres avec leurs traducteurs et d'études sur les cahiers de voyage de l'auteur. Dans une deuxième étape, nous avons l'intention de mettre en évidence certains éléments dans *Primeiras Estórias* qui suggèrent une réalité nouvelle jusqu'au ce moment par les lectures de Rosa: l'émergence d'une grande ville dans le milieu de sertão. Dans le contexte de l'histoire "As margens da alegria" on est frappé par l'image de la construction d'une ville qui, selon toute vraisemblance, c'est Brasília. Ainsi, la nature de la biodiversité et la vigueur du cerrado cèdent son place à la conception géométrique de l'avenir de la capitale fédérale, en mettant en état d'alerte qu'il seraient désormais, un des biomes les plus menacés du modèle de développement du Brésil.

**Mots-clés:** Guimarães Rosa, Cerrado brésilien, Biodiversité, Modernisation.

---

## Introdução

A exuberância da natureza descrita na obra de João Guimarães Rosa e a riqueza de detalhes sobre a vasta paisagem natural e cultural do cerrado brasileiro se definiram como uma das particularidades marcantes de seu universo literário. Devido a um intenso conhecimento adquirido por meio de pesquisas documentais a cerca do mundo sertanejo, somados aos registros de viagens realizadas pelo sertão mineiro e por um sentimento telúrico em relação à sua terra natal, Rosa pôde exprimir poeticamente um espaço que se transfigurou, a partir da realidade geográfica, na ambiência-artística de seus livros.

Predomina, principalmente em *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*, a forte presença dos elementos paisagísticos que expressam a realidade do interior central brasileiro, um "desertão sem cerca", afastado do quadro urbano e do processo de modernização do país. Já em *Corpo de Baile* encontramos

algumas nuances deste sertão, em direção a uma realidade mais próxima do mundo urbano, como muito bem analisado por Soares (2008). Os bandos de jagunços já não “vive(m) seu cristo-jesus, arredado de arrocho de autoridade”, já que a violência é mais contida, e desponta uma vida rural organizada, a partir da labuta rotineira dos vaqueiros e lavradores.

Já na realidade ficcional do livro *Primeiras Estórias*, sobressai um elemento novo na literatura do autor: a aparição de uma grande cidade no meio do sertão, “a mais levantada do mundo”. Provável referência a capital federal Brasília, em processo de construção no contexto dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”. Nestes textos, Rosa acompanha o início de intensas transformações socioespaciais no domínio do Cerrado, vinculadas ao contexto histórico-social do país na metade do século passado.

O “mundo maquinal” avança para onde se “construía a grande cidade”, ameaçando a biodiversidade do bioma e anunciando a modernidade prometida por Brasília. Expressa de forma indireta neste livro, a construção da nova capital impulsionaria de fato as grandes transformações no Brasil a partir dos anos 60. Porém, apesar da euforia vivenciada por grande parte dos brasileiros naquele período histórico, havia também inúmeros questionamentos sobre o futuro do país. De acordo com Wisnik, o “Brasil se moderniza sem se modernizar [...] é vocacionado para o moderno sem nunca chegar a sê-lo, [...] muda sem mudar as bases sobre as quais se constituiu” (WISNIK, 2002, p.178).

A fundação da imponente cidade em pleno Planalto Central brasileiro induziu um intenso povoamento da região, por meio do projeto de modernização que incluía a urbanização, industrialização, incremento de infraestrutura dos transportes e de fontes de energia. É a primeira etapa do longo período desenvolvimentista no país, que teve como uma das consequências a contínua devastação da savana mais rica em biodiversidade do planeta. A partir de então, a diversidade biológica do Cerrado estaria ameaçada não somente pela eminente perda da riqueza de espécies vegetais e animais, mas também no que diz respeito a todo o sistema cultural e ao conhecimento tradicional adquirido pelo “Homem do Cerrado” sobre seu habitat ao longo dos tempos (ALMEIDA, 2003).

A literatura de Guimarães Rosa foi uma das manifestações culturais que souberam representar o Bioma dentro do recorte histórico de meados do século passado no país. A partir de considerações de críticos literários da obra roseana, da análise das correspondências com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, de estudos sobre as cadernetas de viagem do autor e extratos retirados dos livros de Rosa, veremos neste artigo como os saberes referentes ao meio social e físico dos *gerais* são transmitidos ao longo da obra literária do escritor.

Além de toda a elaboração estética, do significado mítico-místico e da profunda concepção psicológica de seus personagens, Rosa deixa transparecer também em sua obra uma preocupação sobre as questões sociais e ambientais que envolvem o cenário regional, nacional e universal do “sertão”, que também “é o mundo”.

Em um primeiro momento, será enfatizada a importância do duplo perfil fisionômico das paisagens cerradeiras na produção literária de Guimarães e de como o contato íntimo com a ambiência do sertão e com o universo cultural dos vaqueiros foram materiais primordiais para o seu trabalho. Em seguida, serão analisados alguns elementos de *Primeiras Estórias* que evidenciam a *cidade no sertão*, e o que isso representa para o desmanche ambiental do Cerrado e para o desenvolvimento desigual no Brasil.

### **O grande sertão, as veredas e o mundo biodiverso da caderneta**

A obra de Guimarães Rosa, como um todo, compreende espacialmente a vasta região dos cerrados e de fazendas de gado que se estendem desde o Oeste e Noroeste de Minas Gerais até ao Piauí e ao Maranhão, como muito bem descrito pelo próprio escritor em correspondências ao tradutor italiano Edoardo Bizzarri (ROSA, 2003, p.40). Trata-se de um grande fragmento do domínio morfoclimático e fitogeográfico classificado pelo geógrafo brasileiro Ab'Saber como o “domínio dos chapadões recobertos por cerrados e penetrados por florestas galerias” (AB'SABER, 2003, p.18).

Neste domínio predominam as chapadas, chapadões, tabuleiros – planaltos de superfície aplainada, superfície estrutural, delimitada por fortes rupturas – e as depressões, ravinas, encostas e vales, em áreas mais úmidas, com presença dos cursos d'água. A composição vegetacional é formada predominantemente pelos cerrados (*strictu sensu*), cerradões e formações campestres nos interflúvios e nas vertentes suaves dos planaltos; e pelas florestas-galeria rigidamente vinculadas ao fundo aluvial dos vales de médio e grande porte. A vereda, o oásis do cerrado para Rosa, representa um arranjo fitogeográfico de importante significado ecológico e socioeconômico na região, podendo ocupar tanto vales pouco íngremes, como os topos das chapadas, em suaves depressões, como sugerido por Ribeiro (2007, p. 132). Boaventura ainda classifica três tipos básicos de veredas, segundo suas características evolutivas e morfológicas: veredas de encostas - nas bordas das chapadas, quando os declives são pouco acentuados; veredas de superfícies aplainadas - no topo, nas áreas menos úmidas; e veredas de várzea - nas depressões interplanálticas (BOAVENTURA, 1988).

Desta forma, as travessias dos personagens da literatura roseana percorrem a todo o momento um ambiente de configuração mutável: revelado ora pelo aspecto árido da vegetação, o formato tortuoso das árvores e o solo de má qualidade, “onde a terra e o pasto pobrejam tanto” (ROSA, 2006, p. 249); ora pelo maravilhoso mundo dos grandes rios, “num campo de muitas águas” e da diversidade das plantas e animais, da beleza dos buritis, das veredas e formações rochosas (ROSA, 2006, p.241).

Segundo avaliação de Monteiro (2006), um dos elementos que exemplificam o vínculo entre o “real” e o “mítico” na geografia do sertão de Guimarães Rosa é, justamente, o contraste entre os oponentes higrométricos: “o difícil e rude sertão e ‘o verde macio’, ‘belimbeza’ das veredas” (MONTEIRO, 2006, p. 50, 51).

No prefácio de *Grande Sertão: Veredas*, Rónai (2001) chama a atenção para o padrão ambíguo recorrente nesta obra, embaralhado na linguagem e no fluxo de memória do narrador. O protagonista Riobaldo é empenhado em definir o termo *grande sertão*, com nítido conteúdo geográfico e ainda imbuído de outros significados vagos e amplos. Para Rónai, o *grande sertão* é a contraposição simbólica das *veredas*:

Para quem nele nasceu e viveu e com ele se identificou, o “sertão” acaba sendo toda a confusa e tumultuosa massa do mundo sensível, caos ilimitado de que só uma parte ínfima nos é dado a conhecer, precisamente a que avista ao longo das “veredas”, tênues canais de penetração e comunicação. Assim o sinal \_\_\_ : \_\_\_ entre os dois elementos do título teria valor adversativo, estabelecendo a oposição entre a imensa realidade inabrangível e suas mínimas parcelas acessíveis, ou noutras palavras, entre o intuível e o conhecível (RÓNAI, 2001, p.17).

Partindo desta interpretação simbólica, corroborada por outros críticos da literatura brasileira, podemos chegar à idéia da oposição entre o *grande sertão* e as *veredas* também pela peculiaridade ambiental do espaço-palco roseano, em que o dualismo, desta vez, se configura por meio das diversas fisionomias do cerrado.

É possível verificar na descrição dos *gerais* apresentada por Rosa ao tradutor, indícios que evidenciam a bifacialidade desta vasta paisagem. No trecho a seguir, ele circunscreve a região sob o ponto de vista topográfico, morfológico, pedológico e vegetacional. Além de exprimir um amplo conhecimento geográfico a respeito deste ecossistema ao realçar a dinâmica hidrológica, o processo de infiltração das águas das chuvas e a capacidade adaptativa das espécies arbóreas no bioma, o escritor também destaca a conotação negativa atribuída ao solo e vegetação do cerrado:

O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os chapadões (grandes imensas chapadas, às vezes séries de chapadas). São de terra péssima, vários tipos sobrepostos de arenito, infértil. [...] E tão poroso, que, quando bate chuva, não se forma lama nem se vêem enxurradas, a água se infiltra, rápida, sem deixar vestígios, nem se vê, logo depois, que choveu. A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque teem longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade [...] Árvores, arbustos e má relva, são nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono (ROSA, 2003, p. 40).

Porém, logo depois desta caracterização, o autor esclarece também o papel das veredas dentro do contexto ambiental do cerrado, com importante desempenho ecológico e social. Assim, percebemos que além daquele significado de “canais de comunicação” dentro do espaço amplo, perigoso e ameaçador do sertão, as veredas também exercem sua função ecológica, cumprindo o papel de *oásis* em relação às áreas de chapadas:

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas há sempre o buriti. De longe a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. **A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio.** O capim é verdinho-claro, bom. **As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros** (ROSA, 2003, p. 41, grifos nossos).

[...] Nas veredas há às vezes grande matas, comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas, sassafrás e pindaíbas, à beira da água. **As veredas são sempre belas!** (ROSA, 2003, p. 42, grifos nossos).

Guimarães Rosa narra com precisão este ambiente para que o tradutor compreenda a relevância das veredas dentro da realidade do sertão roseano.<sup>1</sup> A ocorrência da vereda condiciona-se ao afloramento do lençol freático, constituindo-se como categoria de curso d' água ou cabeceira de drenagem natural, com nascentes em toda a sua extensão. Por esta razão, elas exercem papel fundamental no sistema hidrológico e na manutenção da fauna do bioma,

---

<sup>1</sup>Importantes autores dedicados à pesquisa geomorfológica e evolutiva das veredas reconhecem algumas definições estabelecidas por Guimarães Rosa tanto em suas correspondências com tradutores, como em trechos do romance *Grande Sertão: Veredas*, como Melo (1992 e 2008), Boaventura (2007) e Ribeiro (2007).

como local de pouso para a avifauna ou como refúgio, abrigo, fonte de alimento e local de reprodução para fauna terrestre e aquática. As veredas também tiveram grande influência para os primeiros núcleos de povoamento humano da região e até hoje é fator condicionante para fixação do homem do campo.

O padrão dual da fitofisionomia do *sertão* e das *veredas* é mais uma das ambiguidades que surgem na obra de Rosa, neste caso, representado pela geografia física e pela ecologia do bioma. São inúmeros os exemplos de como se desdobra esta dualidade ambiental em seus livros e também sobre a importância do detalhamento descritivo dos gerais para os tradutores. O trecho a seguir exemplifica como o cenário ficcional se assemelha ao relato revelado anteriormente para Bizzarri, inclusive ao expor a contraposição da qual estamos analisando. Trata-se de fragmento de “Cara-de-Bronze”, novela que compõe o livro *Corpo de Baile*:

Mar a redor, fim a fora iam-se os Gerais [...]: mesas quebradas e mesas planas, das chapadas, onde há areia; para o **verde sujo de más árvores, o grameal e o agreste – um capim rude**, que boca de burro ou boi não quer; e **água e alegre relva arrozã, só nos transvais das veredas**, cada qual, que refletem, orlantes, o cheiroso sassafrás, a buritirana espinhosa, e os buritis, os ramilhetes dos buritizais, os b u r i t z a i s, os buritis bebentes (ROSA, 2006, p. 559, grifos nossos).

O conhecimento profundo de Guimarães Rosa em relação à natureza do sertão se justifica pela íntima relação com sua região natal, e também por uma dedicada pesquisa bibliográfica e viagens de campo realizadas com auxílio da famosa caderneta de anotações. Os anos que separam *Sagarana* (1946) e os livros *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: veredas* - ambos lançados em 1956 - se destacam na vida e obra do autor pelo fato de não existirem nenhum registro de obras de sua autoria nesta época. É um período chave em que se concentram documentos importantes, como as cadernetas das viagens pelo sertão de Minas Gerais (1952) e pela França e pela Itália (1949-1950), o diário de Paris (1948-1951) e o caderno de leitura de Homero (1950).

Estes documentos revelam o perfil naturalista do escritor, interessado no “saber da grande vida, do envolvente, do conjunto”<sup>2</sup>. Neste sentido, os trabalhos de Ana Luiza Costa (2008) e Mônica Meyer (2008) tocam em um ponto essencial para a apreensão do mundo literário do escritor, pois tentam ir

---

<sup>2</sup> Guimarães Rosa pronuncia publicamente ser um grande admirador da geografia e de tudo “*que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos*”, no discurso de posse para o cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no dia 20 de dezembro de 1945 (BEZERRA; HEIDEMANN, 2006).

ao cerne de elementos de inspiração e de impulso para sua escritura, como a viagem, o contato com a terra, com a natureza e com a cultura do sertão<sup>3</sup>.

As observações feitas tanto por Costa (2008), como por Meyer (2008) mostram que os diários de viagem representam um inventário informal da fauna e da flora do sertão mineiro e uma descrição da vida sociocultural do vaqueiro. Observa-se um rico arcabouço de detalhes ambientais e culturais que foram essenciais para a “construção” dos livros de Guimarães Rosa, permitindo a camuflagem entre o sertão real e o sertão inventado.

Na abordagem de Costa (2008), Guimarães percorre dois caminhos convergentes, dialogando com Euclides da Cunha e com relatos de viajantes do século XIX:

[...] por um lado, dialogando com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), e com a tradição da épica oral, ele desenvolve uma reflexão sobre a “cultura boiera”, centrada na relação entre o homem e o boi no universo do sertão; por outro lado, em diálogo com relatos de viajantes do século XIX que descreveram o sertão do Brasil, ele incorpora a viagem como procedimento narrativo [...] (COSTA, 2008, p. 314).

Como resultado disso, a biodiversidade do Cerrado ganha vida poética ao ser exposta e trabalhada minuciosamente nos textos literários do autor. Em “Cara-de-Bronze”, por exemplo, há a presença massiva de notas de rodapé - técnica pouco incorporada pela literatura - preenchidas por variados nomes de espécies da flora e da fauna deste bioma brasileiro. Na estória, um dos vaqueiros é escolhido pelo misterioso proprietário de uma fazenda, para realizar uma viagem até sua terra natal e narrar o “quem das coisas”, derivando em um múltiplo relato e uma visão poética do universo sertanejo.

Novamente referenciado pelas correspondências com o tradutor italiano, o escritor explica que nesta novela, o já idoso e rico fazendeiro, apelidado de “Cara-de-Bronze”, é fortemente tomado pela tristeza e pela doença, uma paralisia, “que é a exteriorização de uma como que ‘paralisia da alma’” (ROSA, 2003, p.94). E pede ao Grivo, vaqueiro de maior sensibilidade entre os trabalhadores locais, para “captar a poesia das paisagens e lugares” de sua terra natal.

---

<sup>3</sup> Os dois trabalhos discutem mais especificamente a respeito d’A *Boiada*, viagem feita por Guimarães Rosa ao coração de Minas Gerais em 1952. O percurso se deu entre a Fazenda da Sirga, na beira do rio São Francisco e a Fazenda São Francisco, em Araçá, próximo à cidade de Cordisburgo, entre 19 e 28 de maio, conduzido por oito vaqueiros e guiado por Manoel Nardy, o Manuelzão.



Na medida em que Grivo vai descrevendo os elementos da paisagem, se desenvolve uma verdadeira enxurrada de nomes populares da diversidade biológica do cerrado. Apesar das denominações de árvores, arbustos, plantas, cipós, ervas, aves, mamíferos e répteis, serem, aparentemente, registros aleatórios nas notas de rodapé, Rosa revela que todos pertencem rigorosamente à região e são enumerados apenas aqueles “que contém poesia em seus nomes: seja pelo significado, absurdo, estranho, [...] seja pelo picante, poetizante, do termo tupí, etc” (ROSA, 2003, p. 94). O autor desvenda ainda uma “estorinha”, que pode ser lida nas entrelinhas, a partir de nomes da flora regional:

- E os arbustos, as plantinhas, os cipós e as ervas?
- A damiana, a angélica-do-sertão, a douradinha-do-campo. O João-venâncio, o chapéu-de-couro, o bom-homem. O boa-tarde. O cabelo-de-anjo, o balança-cachos, o bilo-bilo. O alfinete-de-noiva. O peito-de-moça. O braço-de-preguiça. O aperta-joão. O são-gonçalino. A ata-brava, a brada-mundo, a gritadeira-do-campo (ROSA, 2006, p. 604).

A cada oração desta passagem há algum acontecimento relativo aos nomes das espécies, compondo a “estorinha”. Primeiro, há a apresentação de uma moça no campo: “*a damiana, a angélica-do-sertão, a douradinha-do-campo*”; depois é a vinda do rapaz, um vaqueiro: “*o João-venâncio, o chapéu-de-couro, o bom-homem*”. Ele cumprimenta a moça: “*O boa-tarde*”; a atitude dela: “*O cabelo-de-anjo, o balança-cachos*”, e o rapaz tentando acariciá-la: “*o bilo-bilo*”. Depois, o óbvio: “*o alfinete-de-noiva e o peito-de-moça*”. O “*braço de preguiça*” é a mão boba; o “*são-gonçalinho*” representa o membro viril; e por fim a reação da moça alarmada, brava, aos gritos: “*A ata-brava, a brada-mundo, a gritadeira-do-campo*” (ROSA, 2003, p. 94).

Este é apenas um exemplo das brincadeiras e do desdobrar poético que a natureza do sertão transparece nas obras de Guimarães Rosa. Além deste último relato, o escritor também faz questão de mencionar o nome científico das espécies vegetais e animais regionais para seus tradutores. Indicando ainda explicações acerca da etimologia das palavras e outros elementos que praticamente formam um Glossário do conhecimento erudito e popular adquirido ao longo dos anos, no que diz respeito a grande riqueza do bioma central brasileiro, especialmente do sertão mineiro.

Porém, apesar da exuberância apresentada pelo cenário natural no conjunto da obra de Rosa, emerge uma nova perspectiva alegórica em seu universo ficcional a partir do primeiro conto do livro *Primeiras Estórias*. Lançado em 1962, dois anos após a inauguração de Brasília, “As Margens da Alegria” narra a descoberta de um novo mundo para um Menino que viaja de avião para a cidade dos tios. Um novo mundo desponta também para a

ambiência artística do escritor, alcançando os encantos e desilusões figuradas pela grande cidade que “começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão”.

## O cerrado dá lugar ao Plano Piloto

O cerrado brasileiro é um grande domínio biogeográfico de indiscutível relevância biológica e sociocultural. É o segundo bioma em extensão do Brasil, ocupando cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup> da região central do país e compreende grande parte do Centro-Oeste e outras regiões do território nacional. Devido à sua localização, ele é conhecido como “Bioma do Contato”, pois compartilha várias áreas de transição com os outros biomas brasileiros (Caatinga, Florestas Amazônica e Atlântica, Floresta de Araucária, Pantanal, Zona de Cocais).

Porém, o domínio dos cerrados não pode ser analisado apenas sob o panorama do rico arcabouço constituído por suas características físicas (tipos de solo, formas do relevo, clima, potencial hídrico, fitofisionomias). O bioma integra também a perspectiva do patrimônio cultural e humano, compondo um palco de disputas econômicas e simbólicas, baseadas em estratégias de usos que dão suporte a sua logística espacial.

Estes são alguns dos fatores que levaram Chaveiro e Barreira (2010) a proclamarem o cerrado como um “Bioma-território”: formado pelas diferentes *paisagens naturais* e uma rica biodiversidade; e pela acepção do *território* e seus múltiplos sujeitos – “organizados como territorialidades, vinculados a dispositivos sociais e culturais de diferentes matizes” (CHAVEIRO e BARREIRA, 2010, p. 11). O bioma é resultado de um produto histórico, de composição natural e social, que vem se modificando drasticamente nas últimas décadas.

Guimarães Rosa não pôde acompanhar o rápido processo de transformação dos gerais, onde em poucos anos houve a substituição de um tipo de ocupação tradicional (especialização ao pastoreio e comunidades camponesas) por uma paisagem tecnicista e industrial. Contudo, pode-se afirmar que em *Primeiras Estórias* desponta uma representação da 1ª fase da modernização desta região brasileira. Segundo Mazzeto (2006), este período inicial foi marcado pela construção de Brasília em 1960 e por toda a infraestrutura necessária para dar suporte à nova capital, além dos objetivos governamentais de integração nacional e interiorização demográfica.

Após o falecimento do escritor em 1967, desdobram-se outras duas fases de modernização no domínio dos cerrados: a 2ª é marcada pela implantação de programas estatais modernizantes de desenvolvimento agropecuário, no período da chamada Revolução Verde; e a 3ª e atual fase (a partir de década de 90) é singularizada pela lógica privada de expansão do

agronegócio, via atuação em redes de grandes corporações nacionais e internacionais (MAZZETO, 2006, p. 68).

O “prenúncio” da modernização do cerrado é reproduzido por Rosa no conto “As Margens da alegria”, por intermédio de um Menino que observa atentamente a paisagem dos chapadões cobertos por cerrados, através da janelinha do avião que sobrevoa a região central do Brasil. É provavelmente a primeira viagem dele pelas asas de uma aeronave, proporcionando todo o maravilhamento das novidades do mundo infantil que, neste caso, também demonstram as perspectivas de um país rumo à modernização. “Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho”. O voo de pouco de mais duas horas despertaria um “novo senso de esperança”, rumo “ao não sabido, ao mais” (ROSA, 2008, p.7).

A leitura do conto que apresentamos aqui se aproxima à concepção de Wisnik (2002), pois consideramos que os novos olhares relativos à infância em “As Margens da Alegria” são paralelos à visão de um novo mundo introduzido pelo “lugar onde se construía a grande cidade”. Ambas as perspectivas – a do menino e a que diz respeito à construção de Brasília – geram, ao mesmo tempo, encantamento e desilusão, intrínsecas às novidades. Para Wisnik “pode-se ver, nisso tudo, uma alegoria anti-moderna de um mundo tradicional abatido pela urbanização paradoxalmente utópica e real” (Wisnik, 2002, p.179).

Auxiliado pela escala abstrata do mapa pousado em suas mãos, o garoto atravessa os ares identificando pontos localizáveis na escala real do altiplano. Transmite-se uma imagem marcante do cerrado visto do alto, com a presença das pastagens, de cores e de todas as formas enxergadas pela janela do avião: “as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão em visão cartográfica, repartindo de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e além, baixa, a montanha” (ROSA, 2008, p.8).

Em determinado momento da viagem, a visão cartográfica do Menino sofre o primeiro choque: as pastagens do meio rural e as variadas fisionomias da vegetação são contrapostas pela visão da construção de uma cidade. Apesar de não aparecer de maneira explícita no texto, tudo indica que o conto se refere à capital federal, ainda apresentada como um canteiro de obras. “A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares” (ROSA, 2008, p.8). A vigorosa natureza do cerrado passa a dar lugar ao traçado quadriculado do plano piloto da futura cidade. Um presságio sobre a grande mudança paisagística que a região viria a experimentar no decorrer dos próximos anos.

Após o pouso no aeroporto, o Menino vai direto para a casa dos tios. Ele se encanta com o quintal, repleto de árvores e com a riqueza das cores, o

tamanho e os gestos do “belo, belo” e emblemático peru imperial. Em seguida, o convidam para um passeio por onde seria construído um sítio, próximo à cidade. Nesta parte, os detalhes descritivos dos fascínios da natureza elaborados por Rosa, já abordados na primeira parte deste artigo, desabrocham de forma sedutora aos olhos do menino, desta vez a bordo do *jeep* do tio:

Iam de *jeep*, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia uma “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Esta paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do Corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para o seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares (ROSA, 2008, p. 9-10).

Este longo trecho da narrativa é essencial dentro do contexto do conto, pois evidenciam as características naturais e harmônicas da paisagem, tão caras a literatura do autor. Na passagem anterior, observamos o Menino aprendendo o “íntimo nome de cada coisa” do meio biótico regional e procurando fixar em sua memória tudo o que presenciara no caminho ao sítio. Manifestam-se alguns dos representantes de espécies da fauna adaptados às formações herbáceo-arbustivas do cerrado, como o veado campeiro e “a tropa de seriemas”. O voo dos papagaios e o “par de garças” também são visualizados durante o percurso. Os nomes populares da flora são de espécies tipicamente regionais, como a canela de ema, a malva-do-campo, o velame-branco, a arnica; e com o detalhe da localização do buriti, à “beira do corguinho”. E também notamos a especificidade da topografia local, resumida pela expressão “essa paisagem de muita largura”, que se aplica a um amplo chapadão, feição típica das altas superfícies do Brasil Central.

Entretanto, a harmonia da paisagem e a satisfação do menino se desfazem rapidamente a partir dos próximos episódios da estória. Quando volta a casa para reencontrar o exótico peru, que tanto o entusiasmara, ele se depara somente com as penas e os restos do animal pelo chão. A decepção em relação à morte da ave influencia no estado de espírito do menino, quando os parentes o levam para passear pelo “canteiro de obras” da cidade. A melancolia do olhar se mistura a uma paisagem degradada, com “vagas árvores”, um “ribeirão de

águas cinzentas”, o velame-do-campo desta vez como uma “planta desbotada”, ou seja, “um encantamento morto e sem pássaros” (ROSA, 2008, p. 11).

A partir deste momento, podemos observar mais claramente, o surgimento dos novos elementos urbanos e de como isso desperta no Menino o sentimento de despontamento, traduzido pela “circunstristeza” do olhar para o horizonte. Em um espaço ficcional amplamente marcado pelas formas do *grande sertão*, a natureza bruta do cerrado, e pelo mundo “belimbeleza” das *veredas* de Guimarães Rosa, somos surpreendidos bruscamente pela imagem de homens trabalhando no processo de terraplenagem, com a circulação de caminhões de cascalho, compressoras e caçambas.

A descoberta do menino se entrelaça ao anseio do leitor que se espanta com as mudanças do novo cenário: “formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, **no mundo maquinal, no hostil espaço**” (ROSA, 2008, p.11, grifos nossos). O espaço agora se configura como hostil e agressivo e o mundo não é mais o dos voos papagaios, das seriemas ou do peru imperial, mas sim, um ambiente onde a máquina impera e opera para dar a nova expressão ao lugar.

Desdobra-se, em seguida, a cena da queda da árvore. Este instante estabelece um marco definitivo para o conto, pois encarna o extrato simbólico da biodiversidade que sai de cena para dar lugar ao projeto traçado pelas linhas geométricas de Brasília. Transitam as máquinas que edificam a nova parafernália do aeroporto, substituindo a mata pré-existente. Mostram ao menino a derrubadora e o machado, responsáveis pelo abatimento da vegetação e, a partir daí, segue a figura do tratorista e do impacto pelo desabamento de uma árvore:

Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: ruh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeará tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto – o inaudito choque – o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu – atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esgueiz do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos – da parte de nada. Guardou dentro da pedra (ROSA, 2008, p. 11).

Expõe-se o corte real da árvore, trazendo a tona também o “corte simbólico” canalizado por mudanças desencadeadas pela cidade na região central do país e todo o aparato estrutural que a acompanharia. Pelo ponto de vista sócio-histórico e espacial, a narrativa revela uma análise cautelosa e questionadora em relação às promessas da modernidade e ao compromisso com

o progresso, enraizados nas políticas públicas dos anos de Juscelino Kubitschek.

O ambiente do cerrado, até então representado dentro do imaginário social brasileiro como um espaço opaco, um sertão inóspito, símbolo do atraso do país, passa a integrar os anseios da modernização e do desenvolvimento “a todo o custo” do Brasil. Aos poucos, a imagem negativa de um cerrado visto apenas como região infértil, de vegetação feia e solo pobre - incorporada pela concepção produtivista - passa a ser enxergada pelas novas possibilidades de utilização do espaço, por meio da interiorização demográfica e, em seguida, pelo desenvolvimento agropecuário em larga escala.

### **Considerações finais - o cerrado na linha de frente da modernização**

Desde então, este “Bioma-território” vem sofrendo uma pressão gigantesca para atender as demandas do negócio agroexportador. A pobreza do solo já não é obstáculo para a ocupação de grandes extensões de terras para agricultura moderna. Ao contrário da Amazônia sobre a qual se ergueu uma defesa ecológica internacionalizada, o Cerrado vem sendo a fronteira permitida, o espaço onde, desde a década de 1970, uma série de esforços de pesquisa e iniciativas de programas governamentais viabilizou sua domesticação agrícola e modernização concentradora (MAZZETO, 2009).

Considerado a última fronteira agrícola do planeta (KLINK; MACHADO, 2005), o bioma já possui uma taxa de desmatamento alarmante. Segundo Mazzeto (2009, p. 94), as vertentes principais causadoras desta alta taxa estariam arroladas à grande pecuária de corte; a produção de grãos para exportação em sistema de grandes monoculturas; e a grande exploração da vegetação para o carvoejamento e a sustentação da indústria siderúrgica e celulósica de diversas regiões, com destaque para o estado de Minas Gerais.

Por ser qualificada, na atualidade, como uma área rica em biodiversidade (5% da diversidade biológica do mundo), mas já bastante degradada, o bioma é classificado como um *hotspot* de biodiversidade, com prioridade para conservação<sup>4</sup>. Além disso, a localização central, combinada com a elevação topográfica e alta concentração de nascentes, permite a região ser uma grande coletora e distribuidora de água do território nacional, crucial para o abastecimento das regiões Centro-Sul, Nordeste, do Pantanal e até partes da Amazônia.

---

<sup>4</sup> O conceito de *hotspot* de biodiversidade foi criado por Norman Myers em 1988 para designar áreas com alta incidência de diversidade biológica, com níveis de endemismo excepcionais, e que estão ameaçadas em grau elevado (MYERS, 1988). Atualmente, no Brasil, além do cerrado, a Mata Atlântica também é considerada área prioritária para conservação.

Contudo, o Cerrado ainda é tratado pelas políticas públicas do país como o “Primo Pobre” entre os biomas brasileiros, apresentado sempre como o espaço a ser incorporado pelas artimanhas do desenvolvimentismo. Talvez por não possuir a exuberância e o status ecológico da Floresta Amazônica e Mata Atlântica, nem os atrativos turísticos do Pantanal – as três regiões naturais brasileiras reconhecidas como Patrimônio Nacional – o bioma passou despercebido durante muito tempo, como se fosse uma savana esquecida entre duas florestas tropicais.

Até a década de 1960, este território foi abandonado pelo Estado, que só iria atuar de fato na região após a construção de Brasília e por meio dos projetos modernizantes que a sucederam. É necessário voltarmos à concepção de Chaveiro e Barreira (2010) para refletirmos a respeito de uma questão fundamental nesta discussão: “qual é a lógica que nega o cerrado e o abandona num momento, mas o mantém preservado?”. Ou seja, a lógica de um Estado que se abdica da região “inóspita”, até a década de 1960, em contraposição ao envolvimento intrínseco dos povos cerradeiros, camponeses e indígenas que, independente de qualquer atuação governamental, mantiveram o cerrado em pé, e com ótimo estado de preservação. “E qual é a lógica que o transforma, o insere na economia nacional e mundial, o faz peça de marketing e o destrói?” (CHAVEIRO; BARREIRA, 2010, p. 17).

Como foi possível perceber neste artigo a partir de elementos do conto de Guimarães Rosa, o escritor foi capaz de compreender o papel do espírito modernizante vinculado à construção de Brasília, a obra mais emblemática da política nacional-desenvolvimentista do país. Ao romper com o discurso quase unívoco da modernização, o questionamento implícito de *Primeiras Estórias*, indica que a urbanização e a modernização não são, necessariamente, a garantia definitiva da resolução dos profundos problemas nacionais. Mais do que isso, ao interrogar sobre o destino do Brasil, o autor coloca também em xeque o futuro do ambiente artístico de sua obra, o cerrado brasileiro.

A tensão observada entre a exuberância da natureza de um lado, e a ambiência de tratores, caminhões e da artificialidade da nova cidade, por outro, pode representar uma indagação quanto ao futuro da biodiversidade no cerrado. Colocando em alerta aquele que seria dali em diante, o bioma suspenso na corda bamba do desenvolvimento do país, situado na linha de frente da modernização.

O desdobramento e as consequências do traçado moderno de Brasília foram anunciados por Rosa sob a perspectiva das “margens da alegria” de um menino, que se desestabiliza com as novas informações recebidas no decorrer de sua viagem para a cidade grande. Se, inicialmente, a viagem é “inventada no feliz”, um “caso de sonho” justificado pelas novidades que ainda viriam por

intermédio da visão encantadora do avião e por uma cidade vista do alto; posteriormente, a desilusão pela morte do peru e a dor por um mundo que dá lugar ao “espaço hostil” e ao “mundo maquinal”, engendram no garoto uma forma menos ingênua de perceber a realidade.

Análogo ao conto de Rosa, o Brasil viveu um período de enorme euforia, não só pela crença nas possibilidades do progresso “salvador” das políticas públicas, mas também pela efervescência no mundo das artes e da arquitetura nos meados do século XX. Mas, ao longo dos anos, como analisado por Costa, a “promessa de modernidade não se concretizou de forma universal” (COSTA, 2008, p.91). Da mesma forma, o desenvolvimento econômico como mecanismo acelerador do progresso, não garantiu aos brasileiros uma vida mais igualitária.

Assim, o que Guimarães Rosa não teve a oportunidade de acompanhar a partir dos anos 70, foi o ambiente do cerrado incorporado ao “progresso predatório”. Segundo Caetano (2008), a partir daí vivemos uma crise histórica, cujas raízes estão fincadas nos descompassos entre o homem e aquilo que ele produziu, “entre a fabulosa evolução técnico-científica e uma lógica instrumental que o desvaloriza e corrompe o seu meio ambiente” (CAETANO, 2008, p. 188). Uma lógica que teve como resultado o desmanche socioambiental do cerrado que, desde a concepção do projeto da capital federal vem dando lugar a “razão” da modernidade.

## Referências

AB’SÁBER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 159p.

ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura ecológica e biodiversidade. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 2, número 03. 2003.

BEZERRA, Marily da Cunha; HEIDEMANN, Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta. *Estudos Avançados*, v. 20, p. 7-17, 2006.

BOAVENTURA, Ricardo Soares. Preservação das veredas: síntese. In: *Encontro Latino-Americano Relação Ser Humano-Ambiente*, 2., 1988, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Fumec, 1988. p. 109-118.

BOAVENTURA, Ricardo Soares. *Vereda berço das águas*. Belo Horizonte: Ecodinâmica, 2007.

CAETANO, Marcelo José. Ética e meio ambiente: reflexões sobre os lugares do homem na contemporaneidade. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (org). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. p. 181 – 192. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.



COSTA, Ana Luiza Martins Costa. João Rosa, *viator*. In: FANTINI, Marli de Oliveira. (Org). *A poética migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Pg. 311-348.

COSTA, Heloísa Soares. Meio ambiente e desenvolvimento: um convite à leitura. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (org). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. p. 70 – 107. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. Cartografia de um pensamento de cerrado. In: PELÁ, M. C. H. (Org.); CASTILHO, Denis (Org.). *Cerrados: perspectivas e olhares*. 1ª. ed. Goiânia-GO: Vieira, 2010. 182 p.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 147-155, 2005.

MAZZETO, Carlos E. Silva. *Os Cerrados e a sustentabilidade: territorialidades em tensão*. Tese (Doutorado em Geografia) - UFF, 271 p., 2006.

MAZZETO, Carlos E. Silva. Ordenamento Territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. *Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR)*, n. 19, p. 89-109, jan./jun. 2009.

MELO, Dirce Ribeiro de. *As veredas nos planaltos do noroeste mineiro: caracterização pedológica e os aspectos morfológicos e evolutivos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências - Universidade Estadual de Rio Claro. 1992. 218p.

MELO, Dirce Ribeiro de. *Evolução das veredas sob impactos ambientais nos geossistemas Planaltos de Buritizinho/MG*. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências – UFMG. 2008.

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 231p.

MYERS, N. Threatened Biotas: “Hot Spots” in tropical forests. *The Environmentalist*. (8), p. 187-208, 1988.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). *Estudos avançados* 20 (58), p. 47 – 64, 2006.

PELÁ, M. C. H. (Org.); CASTILHO, Denis (Org.). *Cerrados: perspectivas e olhares* (Prefácio). 1ª. ed. Goiânia-GO: Vieira, 2010. 182 p.

RIBEIRO, Carlos Magno. O “Recado do Morro” e a geografia de Minas Gerais. In *Caderno de Geografia* v 17 n° 28. Belo Horizonte, 2007. Pg. 121 – 139.

RÓNAI, Paulo. *Prefácio*. Grande Sertão: Veredas. – 19. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães; ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile*. Ed. comemorativa 50 anos (1956-2006). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 2 v.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. – 19. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 1. Ed – Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. 200p.

SOARES, Claudia Campos. *Corpo de baile: um mundo em transformação. Ângulo* (Lorena), v.1, p.40-47, 2008.

WISNIK, José Miguel. O Famigerado. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002.

---

#### Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa

Graduado em Turismo e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFMG.  
AV. Antonio Carlos, 6227 - Pampulha  
31270-901 - Belo Horizonte, MG – Brasil  
E-mail: gabrielt.oliveirab@gmail.com

#### Bernardo Machado Gontijo

Graduado em Ciências Biológicas pela PUC-MG e em Geografia pela UFMG.  
Mestre em Estudos Latino Americanos pela Vanderbilt University.  
Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela UNB.  
Atualmente é professor Adjunto do Instituto de Geociências da UFMG.  
AV. Antonio Carlos, 6227 - Pampulha  
31270-901 - Belo Horizonte, MG – Brasil  
E-mail: gontijobm@yahoo.com.br

---

Recebido para publicação em janeiro de 2013  
Aprovado para publicação em agosto de 2013